

## O SUJEITO NULO NO PORTUGUÊS BRASILEIRO A PARTIR DE TEXTOS ESCRITOS POR ALUNOS PERNAMBUCANOS

Rogério de Oliveira Junior <sup>1</sup>  
Cláudia Roberta Tavares Silva <sup>2</sup>

### RESUMO

Na presente pesquisa, dedicamo-nos a investigar dados da língua escrita do português brasileiro (PB) a partir de redações para ingresso no ensino superior de alunos pernambucanos. Para tanto, foi constituído um *corpus* da língua escrita do PB com 580 contextos declarativos finitos contendo sujeitos nulos e plenos. Os dados foram analisados à luz da Teoria dos Princípios e Parâmetros (Noam Chomsky, 1981) com base no Parâmetro do Sujeito Nulo referente ao preenchimento da posição de sujeito por sujeitos plenos e nulos nas línguas naturais. Em linhas gerais, os dados analisados apontam para o fato de que o PB tem apresentado grande índice de sujeitos plenos mesmo em contextos de escrita monitorada. Na língua falada, este fenômeno já foi verificado por Duarte (1995, 2000). Estas constatações com o Parâmetro do Sujeito Nulo servem como evidência adicional para a distinção entre o PB e o português europeu (PE).

**Palavras-chave:** Morfossintaxe; Gramática Gerativa; Sujeito Nulo; Português Brasileiro.

### INTRODUÇÃO

Os fenômenos linguísticos constituem objetos de estudo que estão na rotina da investigação científica. Esses fenômenos ora se distinguem, ora se assemelham e chegam a representar recorrência e regularidade em diversas línguas naturais. Para a descrição dos fenômenos morfossintáticos, sob a ótica da gramática gerativa, estão sendo realizados vários estudos que buscam não só identificar e confrontar padrões, mas também explicá-los.

No que se refere à morfologia de flexão verbal, por exemplo, é possível observarmos que essa morfologia é rica no PE, pois os morfemas número-pessoais são capazes de identificar o sujeito, ocasionando assim a grande produção de sujeitos nulos (nomeadamente, **pro** ou **ø**) (cf. (1)). Tal situação não é verificada em inglês, cuja

<sup>1</sup> Mestrando pelo PPGL/UFPE, Licenciado em Letras - Português e Espanhol na UFRPE, [rogerio.oliveirajunior@ufpe.br](mailto:rogerio.oliveirajunior@ufpe.br);

<sup>2</sup> Doutora em Linguística pela UFAL. Docente da UFRPE, do PROGEL/UFPE e do PPGL/UFPE, [claudiarobertats@gmail.com](mailto:claudiarobertats@gmail.com).

morfologia de flexão verbal é pobre, ocasionando a obrigatoriedade de sujeitos plenos (cf. (2)):

- (1)a. **pro** Joguei.  
b. **pro** Jogamos.  
(2)a. **I** play.  
b. **We** play.

No que se refere ao PB, estudos mostram que a morfologia de flexão verbal nessa língua está passando por um enfraquecimento, ocasionando uma reorganização em várias áreas da sua gramática, dentre elas a grande frequência de sujeitos plenos, ao invés de nulos (DUARTE, 1995, 2000; GALVES, 2001; KATO; DUARTE, 2014). Esse enfraquecimento se evidencia pelo fato de o paradigma de flexão verbal nessa língua apresentar duas formas zero na segunda pessoa do singular e do plural, conforme quadro a seguir:

Português Brasileiro	Português Europeu
<i>(eu) canto</i>	<i>(eu) canto</i>
----	<i>(tu) cantas</i>
<i>você canta</i> <i>ele canta</i>	<i>você canta</i> <i>ele canta</i>
<i>(nós) cantamos</i>	<i>(nós) cantamos</i>
----	----
<i>vocês cantam</i> <i>eles cantam</i>	<i>vocês cantam</i> <i>eles cantam</i> ‘

**Quadro 1:** Paradigma de flexão verbal do PB e do PE extraído de Galves (2001, 103)<sup>3</sup>

Embora a morfologia esteja se enfraquecendo em PB, sujeitos nulos ainda são produzidos nessa língua, conforme exemplificado na oração em (3) extraída do *corpus* desta pesquisa:

- (3) “Ao decorrer do dia, **pro** podemos observar crianças e jovens indo a caminho da escola.” (T8, F, NB)<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Galves (2001, p. 124) também observa que há dialetos do PB que “mostram contraste apenas entre a primeira pessoa do singular e todas as outras: *eu canto/você, nós, eles canta*”.

<sup>4</sup> A informação entre parênteses corresponde ao seguinte: primeiro, informo o número do texto (T) selecionado, depois o sexo do informante: masculino (M) ou feminino (F) e, por fim, se a nota do texto é alta (NA) ou baixa (NB).

A oração acima, apresenta um sujeito nulo (**pro**) de primeira pessoa do plural preenchendo a posição do sujeito, pois o morfema número-pessoal **-mos** identifica-o. Vale dizer que também seria possível o preenchimento da posição sujeito nessa mesma oração pelo sujeito pleno **nós** como em (4):

- (4) “Ao decorrer do dia, **nós** podemos observar crianças e jovens indo a caminho da escola.”

Em uma língua como o inglês, o sujeito nulo seria impossível em uma oração como em (5a), devido à obrigatoriedade da realização fonética do sujeito na posição sujeito (cf. (5b)):

- (5)a. \*During the day, **pro** can observe children and young ones on the way to school.”  
b. “During the day, **we** can observe children and young ones on the way to school.”

Tomando por base que a posição de sujeito pode ser preenchida por pronomes plenos e nulos, adotamos para a análise o Modelo de Princípios de Parâmetros (Chomsky, 1981 e seguintes), em particular, o Parâmetro do Sujeito Nulo, já previsto na Gramática Universal (GU). De acordo com Chomsky (1965), todos os seres humanos têm a linguagem como característica inata e uma predisposição genética para adquirir e usar uma língua natural. Nessa perspectiva, a GU é estruturada na mente dos indivíduos por um conjunto de princípios e parâmetros, que são, respectivamente, propriedades universais de todas as línguas e propriedades paramétricas compostas por valores (+) e (-) a serem fixados pelas crianças durante o processo de aquisição a partir de seu contato com a língua do ambiente. A GU é, portanto, uma teorização muito pertinente, pois, como já mencionado, muitos fenômenos linguísticos são regulares e constituem um padrão. Esclarecendo esse pressuposto teórico, Kenedy (2013, p. 19) argumenta:

Todas as línguas possuem nomes e verbos. Todas apresentam frases compostas de sujeito e predicado. Todas possuem núcleos sintáticos, seus complementos e adjuntos. Todas lançam mão de pronomes e advérbios para indicar pessoa, tempo e lugar da comunicação. Todas estruturam o período por meio de orações simples, coordenadas e subordinadas. Há, com efeito, um grande

número de universais linguísticos. É justamente a busca pela identificação dessa universalidade que caracteriza o esforço descritivo da linguística gerativa.

Dessa forma, realizamos a presente pesquisa para mapear a distribuição de sujeitos nulos e plenos em dados escritos por falantes pernambucanos de nível médio, visando observarmos se os sujeitos nulos nesses dados ocorrem nos mesmos contextos dos sujeitos nulos do PE e se os resultados vão na direção dos dados já obtidos para a língua falada do PB sobre o fenômeno em estudo.

Na próxima seção, será abordado um pouco mais o Parâmetro do Sujeito Nulo, apontando suas características e a teoria que o estuda. Depois, serão detalhados os procedimentos metodológicos que nortearam a presente investigação. Mais adiante, serão apresentados os resultados obtidos, que serão discutidos com os resultados de pesquisas recentes que tratam da temática deste trabalho, observando se há ou não uma acentuada distinção entre o PB e o PE e, por fim, será feita a conclusão a que chegamos a partir da análise dos dados.

## O PARÂMETRO DO SUJEITO NULO

Na teoria de Princípios e Parâmetros (Chomsky, 1981), os princípios são “regularidades gramaticais universais” comuns, portanto, a todas as línguas, ao passo que os parâmetros são a configuração que cada língua registra para um dado princípio, que será formatado binariamente como positivo ou negativo (KENEDY, 2013, p. 98). No que diz respeito a esta pesquisa, o Princípio de Projeção Estendida estabelece que os sujeitos sintáticos são comuns a todas as línguas, sendo sua posição sempre projetada. No entanto, em algumas dessas línguas, o sujeito sintático pode não ser realizado foneticamente na construção, o que o caracteriza como sujeito nulo. Dessa forma, o Parâmetro do Sujeito Nulo possui valor positivo em línguas como o português e o italiano (a que chamamos de línguas [+ sujeito nulo] ou *pro-drop*), e valor negativo em línguas como o inglês e o francês (línguas consideradas [- sujeito nulo] ou *não-pro-drop*).

Sobre os sujeitos nulos, Chomsky (1981) e outros estudiosos também confirmam o importante papel do sistema flexional rico da conjugação verbal para a sua existência. Assim, “em línguas, como o italiano, que têm o sistema flexional ‘rico’, o elemento *agreement* (concordância) permite a omissão do sujeito; em línguas com *agr* ‘pobre’, caso em que se insere o inglês, a omissão do sujeito não é permitida.” (LAPERUTA, 2004, p.

142). Para Chomsky (1981 apud LAPERUTA, 2004, p. 142), “essa correlação com a flexão visível não precisa ser exata, mas há alguma propriedade abstrata de *agr* correlacionada mais ou menos com a morfologia visível, que distingue línguas *pro-drop* de *não-pro-drop*.”. É importante destacarmos, porém, que não apenas a natureza de *agr* determina o sujeito nulo, já que existem outros fatores que o fazem. Neste respeito, é possível encontrarmos o sujeito nulo inclusive em línguas sem morfologia de conjugação verbal, como o chinês<sup>5</sup>, cujos sujeitos nulos são legitimados via discurso: estando o referente já enunciado previamente no discurso (por exemplo, *Zhangsan* em (6) a seguir), o sujeito nulo (representado por *e*), com o qual mantém correferência, é legitimado nessa língua (HUANG, 1982):

(6) *Zhangsan shuo [e hen xihuam Lisi].*

“*Zhangsan* disse que (ele) gostou de *Lizi*”

(HUANG, 1989, p. 187)

Exemplificando um pouco mais a formatação paramétrica, podemos citar o caso do inglês, que é uma língua de sujeito não nulo. Além da sua fraca morfologia de conjugação verbal, essa língua realiza foneticamente também os sujeitos em construções não-argumentais, ou expletivas, como em (7a). (BUTHERS; DUARTE, 2012) A falta do nulo expletivo resulta em agramaticalidade no inglês (7b). A sua presença, por outro lado, causa agramaticalidade tanto no chinês como no português, como em (8b) e (9b):

(7)a. **It**'s raining.

b. \*Is raining.

(8)a. **pro** *Xiayu* le.

*Chover* *PROG*

b. \***Ta** *xiayu* le.

*Ele chover* *PROG*

(9)a. **pro** Está chovendo.

b. \*Ele está chovendo.

<sup>5</sup> No chinês, seja escrito ou em suas muitas variedades faladas, não há nenhum sistema desinencial que confira ao componente verbal conceitos de tempo, modo, número ou pessoa. Essas informações, quando relevantes à comunicação, serão apresentadas por meio de partículas, adjuntos adverbiais ou pelo próprio contexto.

Diante do exposto, este trabalho centra a atenção no uso de sujeitos nulos e plenos em redações escolares de alunos pernambucanos, seguindo a Teoria de Princípios e Parâmetros. Vale referirmos que, sobre esse fenômeno, é comum haver muitos estudos que colocam em evidência a fala (DUARTE, 1995, 2000, 2003; LAPERUTA, 2002). Em nosso estudo, focalizamos os dados escritos, que também têm muito a dizer a respeito da reorganização gramatical por que passa o PB. Um bom motivo para isso é que, quando se pressupõe um processo de mudança linguística, a escrita, apesar de ser mais conservadora e menos dada a inovações do que a fala, já pode apresentar evidências desse processo (SOUZA et al. 2010). No caso deste trabalho, trata-se de uma escrita monitorada de tal maneira que a sua execução pode ser revista pelo processo de reescrita (e correção). Esse processo de monitoramento que pode levar o texto até sua versão final não ocorre na fala. Mesmo assim, reiteramos que, embora as duas modalidades (língua falada e língua escrita) apresentem características que lhes são próprias, é possível encontrarmos, à semelhança do que ocorre na língua falada, inovações gramaticais na língua escrita. Quando isso acontece, é plausível supormos que o processo de mudança já se encontra em estágios avançados de implementação.

Como já mencionado, o PB é uma língua [+ sujeito nulo], no entanto, é um sistema de sujeito nulo que difere do sistema de sujeito nulo do PE: enquanto a primeira é uma língua de sujeito nulo parcial; a segunda é uma língua de sujeito nulo consistente (HOLMBERG, NAYUDU, SHEEHAN, 2009; KATO, DUARTE, 2014). Segundo Kato & Duarte (2014, p. 2), o PB apresenta “um declínio na ocorrência do sujeito nulo referencial definido ao contrário do que revela o Português Europeu”. Tal constatação é expandida em detalhes nos seguintes termos de Souza et al. (2010, p. 97):

Duarte (1993) associa essa mudança em curso à entrada das formas pronominais *ocê/vocês* e *a gente* no paradigma pronominal, que se combinam com verbos de terceira pessoa (singular/plural), o que leva à simplificação do paradigma flexional. De acordo com a autora, a escrita formal ainda conserva um paradigma funcionalmente rico, ao contrário do que ocorre com a fala espontânea. Por essa razão, o PB falado estaria perdendo a possibilidade de recuperar o referente através do elemento de concordância, dada, em geral, por desinências distintas.

Ao realizarmos esta pesquisa, esperamos ampliar a discussão em torno do Parâmetro do Sujeito Nulo com a inclusão de dados escritos de falantes brasileiros, a fim de compará-los com os dados de fala, tendo em mente a seguinte questão: é possível

estabelecermos uma correlação entre um paradigma flexional rico e o licenciamento de sujeitos nulos nos dados de escrita em análise (em nosso caso, de uma escrita formal, por tratar-se de redações produzidas em um contexto de concurso vestibular), indo na direção do que é defendido por Duarte (1993).

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para a realização deste estudo, foi feita uma pesquisa bibliográfica sobre a teoria que embasa a análise, bem como sobre a temática analisada. Ademais, foram selecionadas 48 redações de alunos de ensino médio que prestaram concurso vestibular para ingresso em uma universidade privada de ensino superior da cidade do Recife-PE na área de Ciências Humanas e Exatas. O critério para a seleção dessas redações foi o maior número de linhas.

O *corpus*, por sua vez, é constituído de 580 contextos declarativos finitos, contendo sujeitos nulos e plenos. Das redações selecionadas, 24 textos foram escritos por homens e a outra metade (24), por mulheres. Dentre esses textos, tanto os escritos por homens como os escritos por mulheres, metade (12) teve nota atribuída pela comissão do vestibular correspondente às maiores notas (6 a 8 pontos) e metade, às menores notas (2 a 4 pontos). Nossa hipótese para esse critério de distribuição das redações é a seguinte: redações com maiores notas podem apresentar mais sujeitos nulos do que as demais em virtude de haver mais concordância verbal. Além disso, essa distribuição nos ajudou a equilibrar o nível de domínio da escrita dos informantes, embora não conheçamos em que condições os escreventes concluíram seu ensino médio.

Elaborado o *corpus*, foram selecionadas as variáveis linguísticas e extralinguísticas a partir das quais os dados foram codificados e submetidos à análise quantitativa e linguística. Quanto às variáveis linguísticas, são elas: 1) tipo de sujeito (nulo e pleno), 2) realização do sujeito pleno (pronomes e sintagma nominal (SN)), 3) concordância do sujeito pleno (presença e ausência de concordância verbal), 4) posição do sujeito pleno (anteposto e posposto ao verbo), 5) tipo de oração (independente e subordinada); 6) referência (disjunta ou conjunta) entre sujeitos. Quanto às variáveis extralinguísticas, foram selecionadas: 1) sexo do escrevente (masculino e feminino) e 2) nota atribuída ao texto pela comissão do vestibular (maior e menor nota).

Na sequência, os 580 dados foram submetidos à análise quantitativa e estatística por meio da ferramenta *GoldVarb X*. Após a obtenção dos valores percentuais para todas

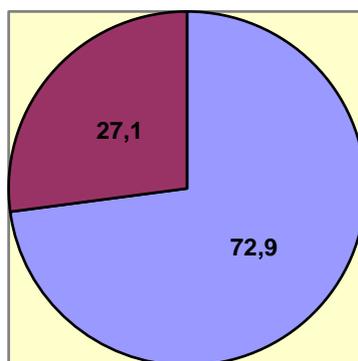
as variáveis, foram analisadas algumas delas (de acordo com os grupos de fatores tidos como relevantes pela ferramenta) para a obtenção dos seus pesos relativos. A apresentação e a discussão desses resultados estão elencadas a seguir.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### Distribuição de sujeitos nulos e plenos no *corpus*

Tomando por base as variáveis selecionadas para a pesquisa, iniciamos pela variável dependente: sujeito nulo *versus* sujeito pleno. Observamos, a partir dos resultados estatísticos obtidos dos 580 dados, que 423 deles apresentaram sujeitos plenos, o que corresponde a 72,9% do total, e 157 apresentaram sujeitos nulos, 27,1%, havendo, portanto, o predomínio dos primeiros:

Gráfico 1: Tipo de sujeito (%)



■ Pleno ■ Nulo

Fonte: Autores deste trabalho

Vejamos alguns exemplos extraídos do *corpus* que apresentam sujeitos nulos e plenos:

- (10) “**O professor** tem o papel muito importante dentro da sociedade, **o professor** vale mais que qualquer outra profissão formada, **ele** forma opinião”  
(T3, F, NB)

- (11) “... **a profissão de professor** é uma das mais desrespeitada, tanto pelo aluno quanto pelo patrão, causando uma controvérsia, pois é difícil entender como **uma profissão tão honrosa**, é tratada como lixo...” (T26, M, NA)
- (12) “Levando em conta toda essa análise saber que **o professor** é muito além de um transmissor de informação, **ele** é um formador de caráter...” (T6, F, NB)
- (13) “**Ø** Sabemos que **o professor** tem um papel fundamental na trajetória escolar de todos os seres humanos, com eles **Ø** podemos adquirir novos conhecimentos...” (T48, F, NA)

Esse resultado nos chama a atenção para o fato de que os escreventes do PB têm preferido usar muito mais o sujeito pleno, ainda que o contexto sintático permita o sujeito nulo como em (10): sendo o sujeito das últimas orações coordenadas correferentes ao da primeira oração (*O professor*), seria esperado o nulo, tal como ocorreria em línguas de sujeito nulo consistente como o PE e o espanhol. Resultado muito similar a este foi o de Souza et al. (2010), que teve 63% de sujeitos plenos e 37% de nulos quando analisou textos escritos de alunos do ensino fundamental. Sua conclusão diante da maior ocorrência de plenos, que também é o nosso entendimento, foi:

Os resultados gerais corroboram os números a que chegaram estudos anteriores e indicam, especialmente, uma preferência pelo preenchimento do sujeito pronominal *na escrita* [grifo dos autores da citação]. A considerável frequência de sujeitos pronominais preenchidos encontrados nesta pesquisa sugere que a mudança por que tem passado o PB no que diz respeito ao parâmetro *pro-drop* não está restrita somente à fala e já se encontra em estágios mais avançados. (SOUZA et al., 2010, p. 100)

Os autores grifaram “escrita” não por acaso. A presença majoritária de sujeitos plenos na escrita anuncia o processo de mudança por qual passa o PB: “[o] português do Brasil apresenta índices de preenchimento do sujeito pronominal bem superiores aos apresentados pelas chamadas línguas românicas de sujeito nulo, como o espanhol, o italiano e a variedade europeia do português.” (DUARTE, 2003, p. 115). Assumem também essa posição, Souza et al. (2010, p. 96) ao afirmarem que “alguns trabalhos atestam uma mudança paramétrica, ou pelo menos uma situação de variação no PB: de uma língua de sujeito nulo para uma língua de sujeito lexicalmente preenchido.”. Ao nosso ver, é fato que o PB está se distanciando do PE, mas, ao contrário de Souza et al

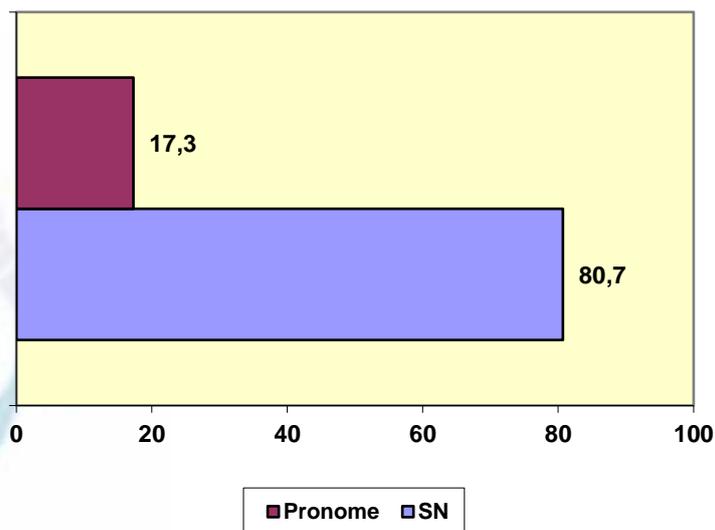
(2010), assumimos com Kato e Duarte (2014) que essa permanece sendo uma língua de sujeito nulo, não sendo mais uma língua de sujeito nulo consistente como o PE e o espanhol, mas um outro sistema de sujeito nulo, a saber: sujeito nulo parcial, tendo em vista que sujeitos nulos são legitimados em contextos restritos. Se ela vai se tornar uma língua *não-pro-drop*, ainda é muito cedo para afirmarmos.

### Caracterização do sujeito pleno

Quanto à segunda variável, procuramos analisar as formas de realização do sujeito pleno, visto que este pode ser expresso por um pronome ou por um sintagma nominal. Nessa variável, dos 423 sujeitos plenos, 350 realizam-se sob a forma de sintagma nominal (SN), representando 82,7%. Apenas 73 foram expressos por pronomes, que percentualmente são 17,3% do total. Os casos de pronomes surgem bastante em contextos de oração coordenada quando o nulo seria possível. No exemplo (14), a seguir, é possível observarmos que a morfologia de flexão verbal do verbo *querer* não concorda com o sujeito da oração coordenante *Os alunos*, o que poderá ter influenciado no uso do sujeito pleno *ele*, que mantém correferência com o sujeito da primeira oração no que se refere ao traço de gênero:

- (14) “Os alunos já não têm mais o interesse de ser professor, **ele** quer um emprego que goste...” (T15, M, NB)

**Gráfico 2: Realização do sujeito pleno (%)**



Fonte: Autores deste trabalho

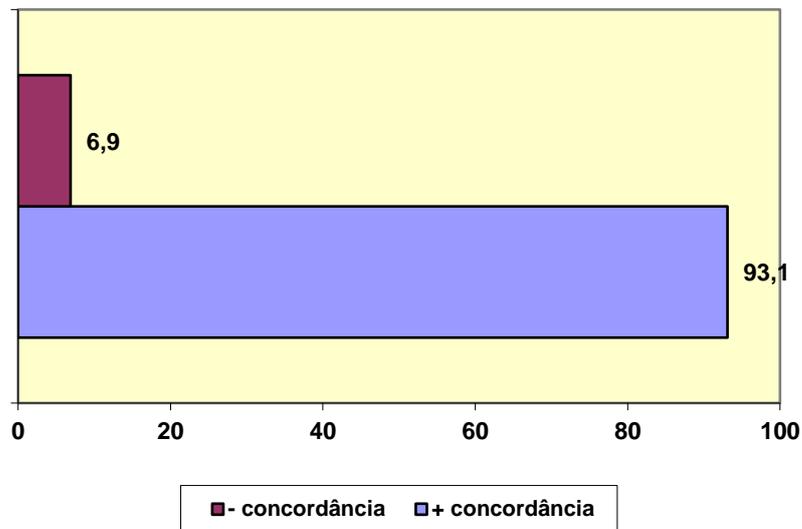
A quantidade de plenos em forma de SN no *corpus* se justifica tanto pela inserção de novos tópicos à argumentação (os textos são de natureza dissertativo-argumentativa), quanto por estratégias de progressão textual, em que o mesmo referente é reiterado, não por pronomes, mas por um SN similar que age como substituto lexical. (ANTUNES, 2005). Como evidências, seguem alguns dados do *corpus*:

- (15) “**Os verdadeiros heróis** não são aqueles que estão na televisão ou no cinema, **os verdadeiros** estão na sala de aula.” (T24, M, NB)
- (16) “Nos tempos passados, **este trabalho** era tido como o mais nobre. (...) Com o passar dos tempos, no Brasil, **essa profissão** entrou em baixa no mercado de trabalho. (T27, M, NA)

A repetição, em (15), de *os verdadeiros* não é sem motivo. Antes, representa um reforço argumentativo de ênfase, desempenhando o papel de relacionar os sentidos entre essas orações justapostas sem necessidade do uso da conjunção. Com bom motivo, também, em (16), a retomada de *este trabalho* por *essa profissão* é uma estratégia de substituição via sinonímia que tanto evita a repetição propriamente dita do nome como propicia a substituição lexical como evidência de domínio vocabular diversificado, aspecto importante em textos de cunho dissertativo-argumentativo. Antunes (2005, p. 96) define a substituição lexical como sendo um recurso coesivo que implica “o uso de uma palavra no lugar de uma outra que lhe seja *textualmente equivalente*” (grifo da autora). Ela ainda diz que “pela substituição se consegue, portanto, a volta a uma referência ou a uma predicação já feitas no texto e, por isso, ela é reiterativa”. Consideramos mencionar esses detalhes da produção textual importante porque reforçam o caráter de monitoramento próprio da escrita e que é maior no tipo de texto em análise.

No que se refere à terceira variável, analisamos a concordância da morfologia de flexão verbal com o sujeito pleno. Os resultados mostram um número percentual expressivo para o maior uso da concordância verbal: 93,15% de 394 ocorrências. Apenas 29 ocorrências apresentam ausência dessa concordância (6,9%):

**Gráfico 3: Concordância do sujeito pleno (%)**



**Fonte:** Autores deste trabalho

O resultado acima aponta que a regra linguística de concordância verbal é variável nos dados escritos em análise, ao contrário do que se observa no PE cuja regra é semicategórica (BRANDÃO; VIEIRA, 2012b). Embora o PB esteja passando por um enfraquecimento de sua morfologia de flexão verbal, o percentual de aplicação da regra de concordância verbal ainda é alto nos dados.

A seguir, apresentamos dados do *corpus* que evidenciam ausência de concordância verbal:

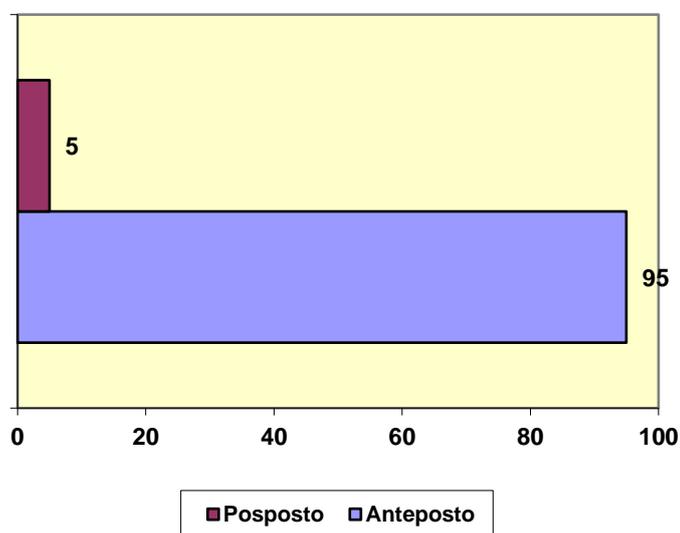
- (17) “**Alunos** sempre **escolhe** uma profissão boa.” (T18, M, NB)
- (18) “A questão é salários onde **cada um de nós estamos**, durante o dia a dia, trazendo para nós.” (T18, M, NB)

Vale ressaltarmos que, por ser o contexto de produção da redação um ambiente que promove um maior grau de monitoramento quanto ao uso da língua escrita, o grande percentual de concordância verbal era esperado. No entanto, a alta produção de sujeitos plenos não estava prevista, pois, quanto mais rica a morfologia de flexão verbal, mais produtividade de sujeitos nulos. Esse resultado parece ser decorrente da interferência da língua falada na língua escrita, em que sujeitos plenos são muito produtivos na primeira (DUARTE, 1995, 2000). Além disso, em se tratando de um texto dissertativo-argumentativo, houve a predominância dos pronomes de terceira pessoa.

Centrando nossa atenção neste momento na variável 4, analisamos a posição do sujeito pleno: se anteposto ou posposto ao verbo, tendo em mente que sujeitos pospostos na língua falada do PB são pouco produtivos e estão restritos a verbos inacusativos (BERLINCK, 1988) e também ao fato de que a ordem básica da oração nessa língua é SVO (SILVA, 2004; BUTHERS; DUARTE, 2012).

Os resultados apresentados, a seguir, mostram que os sujeitos plenos ocorrem frequentemente antepostos ao verbo (402/ 95%), ao passo que apenas 5% de sujeitos plenos, um total de 21 dados, estão pospostos ao verbo:

**Gráfico 4: Posição do sujeito pleno (%)**



**Fonte:** Autores deste trabalho

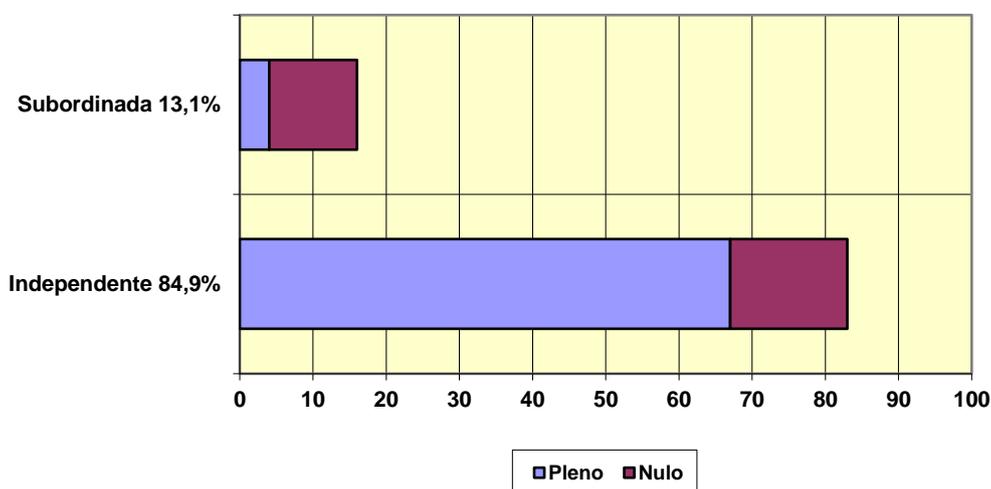
Vale referirmos que a pouca produtividade de sujeitos na ordem V(erbo)-S(ujeito) no PB é uma das evidências do processo de mudança linguística nessa língua que está vinculado ao enfraquecimento de sua morfologia de flexão verbal. Segundo Souza et al. (2010, p. 96),

(...) os trabalhos de Berlinck (1988; 1995) e de Coelho (2000, 2006) atestam que o PB está perdendo a propriedade de inversão da ordem verbo-sujeito em construções pluriargumentais e, cada vez mais, pode ser identificado como uma língua de ordem sujeito-verbo-objeto (SVO) enrijecida, como o inglês.

## Caracterização do sujeito nulo

Não considerando mais estritamente os sujeitos plenos, mas voltando a atenção para a produção total de sujeitos no *corpus*, quanto à variável 5, observamos os tipos de oração em que ocorrem sujeitos nulos e plenos. Em geral, foram selecionadas 504 (84,9%) orações independentes, sendo 404 (80,2%) com sujeitos plenos e 100 (19,8%) com sujeitos nulos. Assim, os períodos compostos por subordinação foram a minoria, apenas 73 ocorrências (13,1%), dentre as quais, 19 (25%) possuem sujeitos plenos e a maioria, 57 (75%), sujeitos nulos:

**Gráfico 5: Tipo de oração (%)**



**Fonte:** Autores deste trabalho

Em linhas gerais, em contextos de subordinação, há uma nítida diminuição percentual de pronomes plenos que funcionariam como pronomes-cópia para a retomada do referente já dado interiormente no discurso. Isso pode ser observado em (19):

(19) “Sócrates fazia debates nas ágoras, onde  $\emptyset$  abria discussões e  $\emptyset$  usava a dialética como método de ensino.” (T37, F, NA)

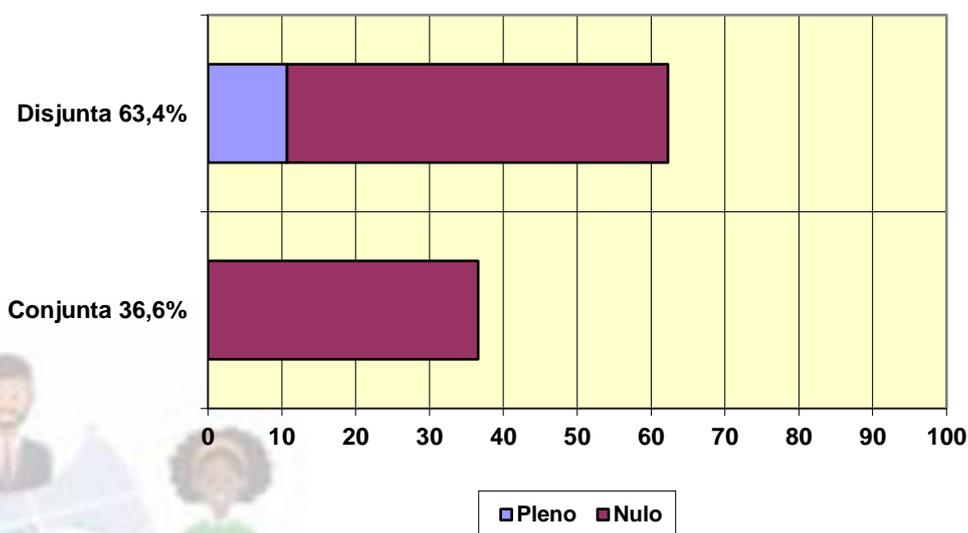
De acordo com o exemplo acima, podemos afirmar que o período composto é um contexto que, no PB, favorece a ocorrência do sujeito nulo. A tabela 1, construída a partir do resultado obtido pela rodada dos dados no *GoldVarb X*, constata essa afirmação, tomando por base o peso relativo .90.

**Tabela 1: Produção de sujeito nulo por tipo de oração**

Tipo de oração	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso relativo
Subordinada	57/73	75%	<b>.90</b>
Independente	100/504	19,8%	.42

Quanto ao tipo de referência entre o antecedente e o pronome quando a oração é subordinada (variável 6), analisamos os casos em que o sujeito dessa oração é um pronome pleno ou nulo. No geral, foram selecionadas 55 orações, sendo 20 ocorrências com referência conjunta (36,6%) e 35 com referência disjunta (63,4%). Um resultado interessante é que todas as ocorrências com referência conjunta foram realizadas com sujeito nulo, enquanto, para a referência disjunta, 6 sujeitos foram plenos (17,1%) e 29, nulos (82,9%). Esse resultado confirma a alta produção de sujeitos nulos nos contextos de subordinação e categoricamente nos casos em que o antecedente (sujeito da primeira oração) é correferente ao da oração subordinada:

**Gráfico 6: Referência entre sujeitos (%)**



**Fonte:** Autores deste trabalho

Observem-se, a seguir, exemplos de referência conjunta (cf. (20)) e disjunta (cf. (21)):

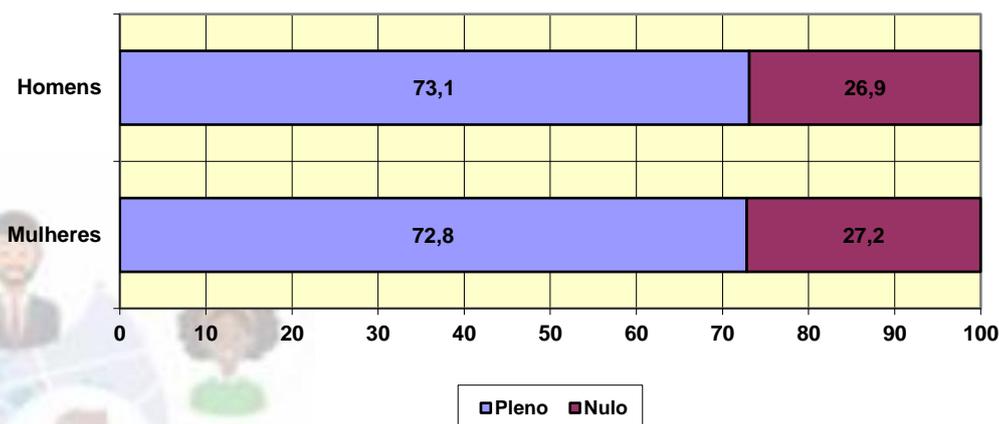
(20)a. “Como tudo depende de uma educação e professores de qualidade, não  $\emptyset_i$  teremos por muitos anos, se não  $\emptyset_i$  passarmos a valorizar nossos ‘Freyres’, ordem ou progresso.” (T12, F, NB)

b. “O compartilhamento de sabedoria<sub>i</sub>, é uns dos principais pontos na formação da mente com visão social e política, pois  $\emptyset_i$  tornaria o cidadão engajado e ciente dos problemas que o cerca.” (T14, M, NB)

(21) “...os salários<sub>j</sub> que os magistrados<sub>k</sub> recebem não  $\emptyset_j$  poderiam ser maiores que a importância que  $\emptyset_i$  damos aos mesmos.” (T12, F, NB)

Centrando nossa atenção agora nas variáveis extralinguísticas, buscamos averiguar, primeiramente, se o sexo do escrevente favoreceria a produção de sujeitos plenos ou nulos (variável 7). O percentual de sujeitos plenos e nulos é bastante próximo para homens e mulheres, o que implica considerarmos que é uma variável neutra ao uso desses sujeitos. O programa *GoldVarb X*, inclusive, considerou essa variável pouco significativa e não a selecionou para a análise. As mulheres foram responsáveis por 227 sujeitos plenos (72,8%) e os homens por 196 plenos (73,1%). No caso dos sujeitos nulos, as mulheres produziram 85 (27,2%) e os homens, 72 (26,9%). Veja-se o gráfico:

**Gráfico 7: Tipo de sujeito por sexo (%)**

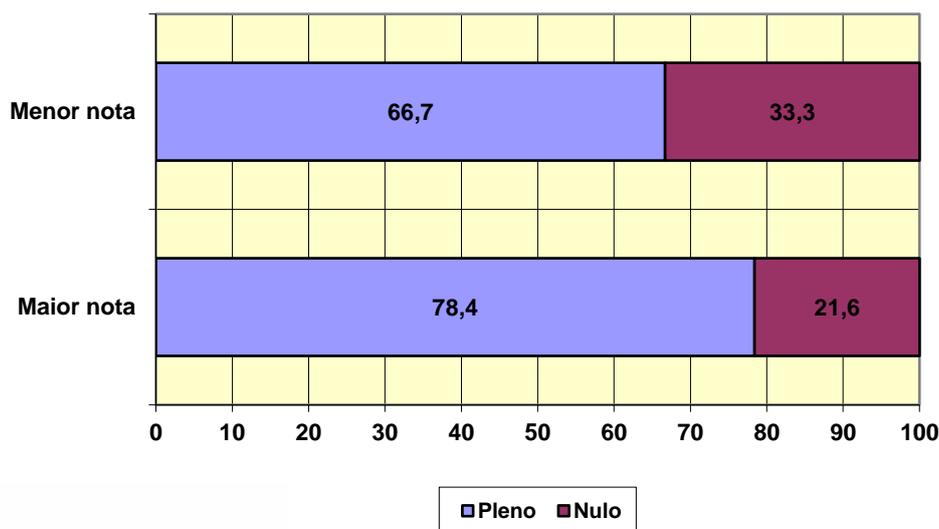


**Fonte:** Autores deste trabalho

Concluimos, portanto, que estatisticamente não há diferenças na produção de sujeitos plenos ou nulos na escrita de homens e mulheres.

No que se refere à outra variável extralinguística, que diz respeito às notas das redações (maior nota *versus* menor nota), desejamos observar se a nota que foi atribuída pela banca examinadora do vestibular às redações apresentaria diferencial na produção de sujeitos nulos e plenos no sentido de que provavelmente as redações com maiores notas apresentariam mais nulos do que as demais pelo fato de esperarmos mais concordância. De fato, os textos que apresentaram maior concordância foram os de maior nota, com 57,4% das ocorrências gerais de concordância no *corpus*, ao passo que os textos com menor nota representaram 42,8%. Como resultado do impacto do tipo de sujeito em relação à nota do texto, entretanto, observamos que a diferença percentual entre os fatores não atinge 10%, o que parece sugerir que a variável em análise é neutra em relação ao fenômeno. No gráfico 8, a seguir, percebemos que, em todas as redações analisadas, há uma grande produtividade de sujeitos plenos, à semelhança do que ocorre na língua falada (DUARTE, 1995, 2000):

**Gráfico 8: Tipo de sujeito por nota do texto (%)**



**Fonte:** Autor deste trabalho

Algo interessante que observamos é que, ainda que com uma diferença estatisticamente pequena, a produção de sujeitos nulos nos textos de menor nota foi maior que nos textos de maior nota, que apresentaram maior concordância. A tabela 2 apresenta os pesos relativos que mostram essa pequena liderança no *corpus* em análise:

**Tabela 2: Produção de sujeito nulo por nota do texto**

Nota do texto	Ocorrências/Total	Porcentagem	Peso relativo
Menor nota	90/270	33,3%	.57
Maior nota	67/310	21,6%	.43

Como se trata de uma variável extralinguística, nossa hipótese é que essa produção inesperada de sujeitos nulos nos textos de menor nota tem a ver, também, com motivações extralinguísticas, como a insegurança linguística e a hipercorreção. Bortone e Alves (2014, p. 133) explicam que a hipercorreção é um fenômeno da linguagem que “ocorre na tentativa de uma utilização adequada da norma-padrão, que dá prestígio social.” Embora a hipercorreção apareça normalmente como o erro na tentativa do acerto, o fundamento que subjaz a essa teorização é o da *tentativa de acerto*. Na tentativa, mais se acerta do que erra, pressupomos. A existência de uma norma mais privilegiada na sociedade leva o indivíduo a dois movimentos: valorizar sua prática linguística ou tentar, ao invés, “modificá-la para conformá-la a um modelo prestigioso”, ou seja, por demonstrar insegurança linguística (CALVET, 2002, p. 69). Diante disso, é possível supormos que escreventes que receberam menor nota produziram, em vista do maior monitoramento, ocorrências que *não lhes são naturais*, como o número expressivo de sujeitos nulos. Esses escreventes apoiam-se em *certos conhecimentos que têm* da variante padrão para produzirem essas estruturas, a fim de conformar a sua prática linguística “a um modelo prestigioso”.

Em linhas gerais, o conjunto de variáveis aqui analisado confirma que há muitos sujeitos plenos na língua escrita do PB produzidos por estudantes escolarizados que já concluíram a educação básica e que estão inseridos em um contexto de maior monitoramento de uso dessa língua, o que é um forte indício para afirmarmos que o preenchimento da posição sujeito por itens realizados foneticamente é uma característica cada vez mais acentuada do PB.

## CONCLUSÕES

Assim como as hipóteses iniciais e a pesquisa bibliográfica apresentaram, há o distanciamento do PB em relação ao PE no fenômeno sintático analisado. Os falantes do PB tendem a usar sujeitos plenos, ao contrário do que ocorre no PE. Isso é muito

significativo porque, como afirmamos, pode ser que esse atual distanciamento provoque uma mudança ainda mais significativa na maneira em que brasileiros e portugueses fixam os valores paramétricos associados ao Parâmetro do Sujeito Nulo, visto que o PB comporta-se como uma língua de sujeito nulo parcial e o PE, como uma língua de sujeito nulo consistente, conforme sobejamente assumido na literatura gerativista.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANTUNES, I. C. **Lutar com palavras: coesão e coerência**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BERLINCK, R. A. **A ordem VSN no português do Brasil: sincronia e diacronia**. 1988. Dissertação (Mestrado) - Unicamp, Campinas.
- BRANDÃO, S. F.; VIEIRA, S. R. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. **Alfa**, São Paulo, v. 53, n. 3, p. 1035-1064, 2012.
- BORTONE, M. E. ALVES, S. B. O fenômeno da hipercorreção. In: BORTONIRICARDO et al. (orgs.) **Por que a escola não ensina gramática assim?** São Paulo: Parábola Editorial, 2014, p. 129-159.
- BUTHERS, C. M.; DUARTE, F. B. Português Brasileiro: uma língua de sujeito nulo ou de sujeito obrigatório? **Diacrítica**, Braga, v. 26, n. 1, p. 64-88, 2012.
- CALVET, L. J. **Sociolinguística: uma introdução crítica**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.
- CHOMSKY, N. **Aspects of the Theory of Syntax**. Cambridge: MIT Press, 1981.
- CHOMSKY, N. **Lectures on Government and Binding**. Dordrecht: Foris, 1981.
- DUARTE, M. E. L. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In. **Português brasileiro: uma viagem diacrônica**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 107-128, 1993.
- DUARTE, M. E. L. **A perda do princípio 'Evite Pronome' no português brasileiro**. 1995. Tese (Doutorado em Linguística) - Unicamp, Campinas.
- DUARTE, M. E. L. The loss of the 'avoid pronoun' principle in Brazilian Portuguese. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Iberoamericana, 2000, p. 17-36.

DUARTE, M. E. L. A evolução na representação do sujeito pronominal em dois tempos. In: Paiva, M. C. & Duarte, M. E. L. **Mudança Linguística em Tempo Real**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2003, p. 115-128.

DUARTE, M. E. L.; KATO, M. A. Restrições na distribuição de sujeitos nulos no Português Brasileiro. **Revista Veredas**, v. 18, p. 1-22, 2014.

GALVES, C. C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Ed. da Unicamp, 2001.

HOLMBERG, A.; NAYUDU, A; SHEEHAN, M. Three partial null subject languages: a comparison of Brazilian Portuguese, Finnish and Marathi. **Studia Linguistica**, v. 63(1), p. 59-97, 2009.

HUANG, C.T. J. **Logical Relations in Chinese and the Theory of Grammar**. 1982. Tese (Doutorado em Filosofia) – MIT, Cambridge.

KENEDY, E. **Curso básico de linguística gerativa**. São Paulo: Contexto, 2013.

LAPERUTA, M. Sujeito nulo na aquisição: um parâmetro em mudança – sujeito preenchido na aprendizagem: a eterna tentativa de mudança. **Revista do Gelne**, v.6 n.1, p. 141-152, 2004.

SANTOS, R. A aquisição da linguagem. In: FIORIN, J. L. (org). **Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2014, p. 211-227.

SILVA, C. R. T. **A natureza de AGR e suas implicações na ordem VS**: um estudo comparativo entre o português brasileiro e o português europeu. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) - UFAL, Maceió.

SOUZA, C. M. N. et al. O preenchimento do sujeito pronominal em textos escritos de alunos adolescentes de Florianópolis. **Working Papers em Linguística**, v. esp., p. 94-107, 2010.

VILLARINO, C. N. G. Sujeito Nulo no Português Brasileiro: elementos para sua análise a partir de situações experimentais. **Linguagem: Teoria, Análise e Aplicações**, v. 2, art. 6. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2006.